

Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal **

O estudo do conflito de gerações tem-nos estimulado. Através da análise da tragédia grega podemos detectar a importância que este conflito assume, manifestando-se nos seus *impasses* como o mais característico destas tragédias.

Na tragédia ganham capital importância os acontecimentos familiares que nela são analisados ou lhes estão na origem. As constelações familiares, significando *impasse*, revelam essencialmente conflitos agressivos entre membros do mesmo sexo, sobretudo de gerações diferentes segundo o modelo pai-filho, e ligações eróticas entre membros de sexo diferente e gerações diferentes segundo o modelo pai-filha. A importância da tragédia grega, reportando os conflitos universais do homem, a sua intenção pedagógica, catártica e esconjuratória, é um indicativo do receio das sociedades humanas quanto à capacidade destrutiva dos *impasses* no evoluir normal do conflito de gerações.

A condição indispensável para possibilitar o suceder exogâmico das gerações traduz-se na possibilidade de os jovens de todos os tempos constituírem família própria. Estudámos as produções literárias que ilustram as consequências dos entraves postos à constituição de família exogâmica, procurando detectar modelos de funcionamento destas famílias.

Desde as *Efesíacas*, de Xenofonte, de Éfeso, ao *Romeu e Julieta* e *Amor de Perdição* clarifica-se uma constelação familiar explosiva que se exprime na oposição pai dominador-filho, segundo o modelo Domingos Botelho-Simão, e pai possessivo-tilha, segundo o modelo Tadeu de Albuquerque Teresa.

Mas estes romances revelam também outro aspecto: o da existência dum processo psicológico adolescente a partir do qual é possível elaborar uma teoria psicológica complementar à lei antropológica da proibição do incesto. Este processo psicológico manifesta-se na obstinada determinação de Teresa e Simão e de Romeu e Julieta em levarem até às últimas consequências os seus desígnios exogâmicos, opondo-se à também obstinada determinação de Tadeu de Albuquerque, Domingos Botelho e pais Capuleto em considerarem os filhos coisa sua.

Estudámos o processo psicológico normal da aquisição das capacidades necessárias à assunção da exogamia, vencendo as oposições intrapsíquicas e parentais.

Encarámos o processo de afastamento dos pais como exprimindo a aquisição interna do desejo de autonomia, capacidade de desautorização e

* Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto.

** Esta comunicação foi simultaneamente objecto de uma conferência proferida no Congresso Nacional sobre a Adolescência e Juventude, Porto, 1, 2 e 3 de Novembro de 1985.

desidealização dos mesmos. Postulámos que o movimento de separação psicológica da família de origem, permitindo a constituição de família própria, por ser um movimento universal a todas as gerações, se deveria traduzir em aquisições psicológicas também universais. Aceitámos que estas aquisições se fariam conflitualmente, com repercussões intra e interp-síquicas. Procurámos autonomizar o processo conflitual interno. Este manifestar-se-ia pelos conflitos de desejo de autonomia-dependência, capacidade de desautorização-submissão, desidealização-idealização, que estudámos numa perspectiva evolutiva em grandes grupos.

Assim, dar-se-ia tradução psicológica à revolução biológica puberal ao nível das motivações, modificando-se as proibições infantis interiorizadas a partir das imagens parentais idealizadas na infância, de molde a permitir a realização das tarefas adultas, como as da sexualidade, e fortalecer-se-ia o eu, preservando as aspirações pessoais progressivamente autonomizadas das imagens parentais agora decepcionantes e, como tais, irreconhecíveis em relação àquelas que na infância estiveram na origem da organização do ideal do eu.

Os conflitos externos, tradução do conflito interno na interacção com os progenitores, estruturariam o conflito de gerações na sua forma intrafamiliar.

Num trabalho prévio, numa amostra de estudantes do ensino secundário dos 10 aos 19 anos, verificámos, em ambos os sexos, uma tendência progressiva, do ponto de vista etário, a valorizar, por ordem de precocidade no processo da sua aquisição, o desejo de autonomia em relação aos progenitores e as capacidades de os desautorizar e desidealizar¹. Obtivemos resultados semelhantes numa amostra de toda a população, também estudantil, dos 12 aos 25 anos do concelho de Matosinhos.

Todavia, o desejo de autonomia, a assunção da capacidade de desautorização e desidealização, compreendida em termos interp-síquicos envolvendo os progenitores, traduz-se, ao nível destes, por uma perda de amor, autoridade e admiração. A inevitável decepção sentida pelos progenitores perante este processo organiza o conflito de gerações por parte dos pais. A capacidade destes em assumirem as perdas narcísicas daí decorrentes permite a habitual boa resolução do conflito.

Não nos alargaremos mais com estes comentários, que, todavia, nos permitem abordar o problema das «mudanças, valores e conflito de gerações».

Fomos solicitados pela Fundação Calouste Gulbenkian para integrar a equipa de investigação «Portugal, Que Futuro?», como responsável pela área dos valores sociais.

Apresentámos um projecto de investigação visando prospectivar o futuro através do estudo dos valores traduzindo-se no conflito de gerações.

Se é verdade que o conflito de gerações exprime uma tensão psicológica jovens-adultos, é de admitir como muito plausível que esta tensão se vá exprimir em conflito de valores.

Privilegiámos, nos nossos trabalhos prévios, o envolvimento jovens-progenitores em termos de progressiva assunção do desejo de autonomia e capacidade de desautorização e de desidealização pelos jovens e perda parental de amor, autoridade e admiração.

¹ Para mais detalhes ver o livro de Eurico Figueiredo *No Reino de Xantum, Jovens e Conflito de Gerações*, ed. Afrontamento, 1985.

Difícilmente o conflito resultante deste processo interactivo não irá encontrar tradução ao nível dos valores.

Admitimos também que o conflito de valores seria uma das formas que permitem a participação de cada geração ao nível da cultura.

Caracterizando a nossa época, escrevemos na introdução ao livro *No Reino de Xantum, os Jovens e os Conflitos de Gerações* que esta «é caracterizada pela progressiva predominância da herança social sobre a familiar e pelo alongamento do tempo de formação para lhe aceder. Esta abrange sectores cada vez mais vastos de jovens e é marcadamente socializada em detrimento da formação familiar. A mundialização da informação com a criação de culturas jovens, a relativização das culturas e a dessacralização das ideologias, quando mais não seja, pela sua imensa diversidade, dão à mudança e aos jovens uma importância social sem precedentes como base para se efectuarem as transformações ideológicas adaptativas às mudanças tecnológicas, que na actualidade são rapidíssimas. O espectro das crises energéticas irá também provavelmente acelerar estas mudanças.

As necessárias adaptações ao nível dos valores ideológicos tornaram-se ainda mais pertinentes quando o dificultar o acesso à herança aos jovens se transformou num dos processos protegendo as gerações instaladas do impacte insegurizante da mudança».

Estudámos o processo em termos de desejo de autonomia-dependência, desautorização-submissão, desidealização-idealização. Referimos que, na sua tradução externa, a predominância progressiva do desejo de autonomia, desautorização e desidealização dos pais ia envolver os progenitores sujeitos a perder amor, autoridade e admiração. Chamámos-lhe conflito de gerações, na sua expressão, a nosso ver, invariante e universal, ao nível da família.

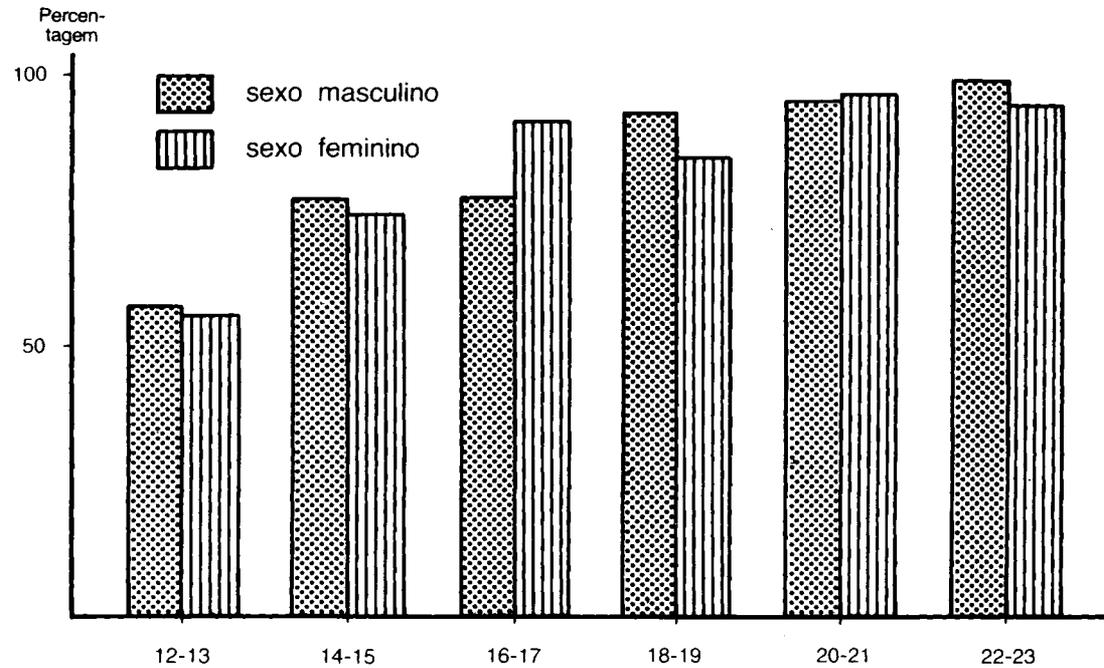
Verificámos nos nossos trabalhos empíricos que o progressivo desejo de autonomia é maioritariamente afirmado muito precocemente, dado que a partir dos 14 anos já prevalece de uma forma altamente significativa em ambos os sexos. O predomínio da desobediência manifesta-se a partir dos 16 anos. A preferência por ideais extrafamiliares em relação aos familiares só são claramente assumidos, pelo que podemos depreender nos nossos trabalhos, no início da vintena² (gráficos I, II e III).

Parece-nos óbvio que o desejo de autonomia, motor dos conflitos pela parte dos jovens, se vai reforçar pela aquisição da capacidade de desautorização e desidealização, traduzindo-se não só em comportamentos que revelam a assunção destas capacidades, mas também num processo de produção de valores capazes de autojustificar os jovens na sua oposição, divergência, com os progenitores. Resolvemos estudar o conflito de valores não só para conhecer aspectos da realidade actual, mas também por considerar que só o conflito de gerações provoca a emergência do conflito de valores, que não se justifica por mais nenhuma outra razão. Só o conflito de gerações produz valores por imperativos do próprio conflito. Daí que o estudo destes nos possa dar indicações excelentes sobre o que eventualmente se passará dentro de vinte anos, quando a geração actual dos 20 assumir responsabilidades em praticamente todos os domínios da sociedade portuguesa.

² Eurico de Figueiredo e col., *Previsão da Mudança a Nível dos Valores Societais*, relatório reservado, à intenção da Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

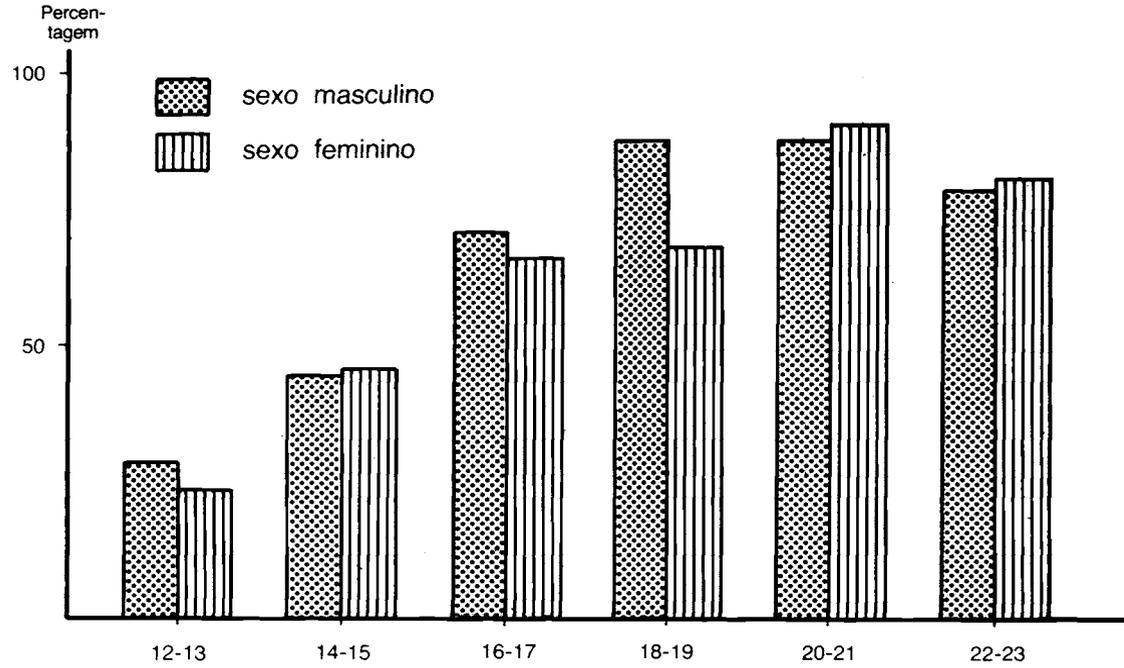
Percentagem de individuos em que se manifesta autonomia

(GRÁFICO I)



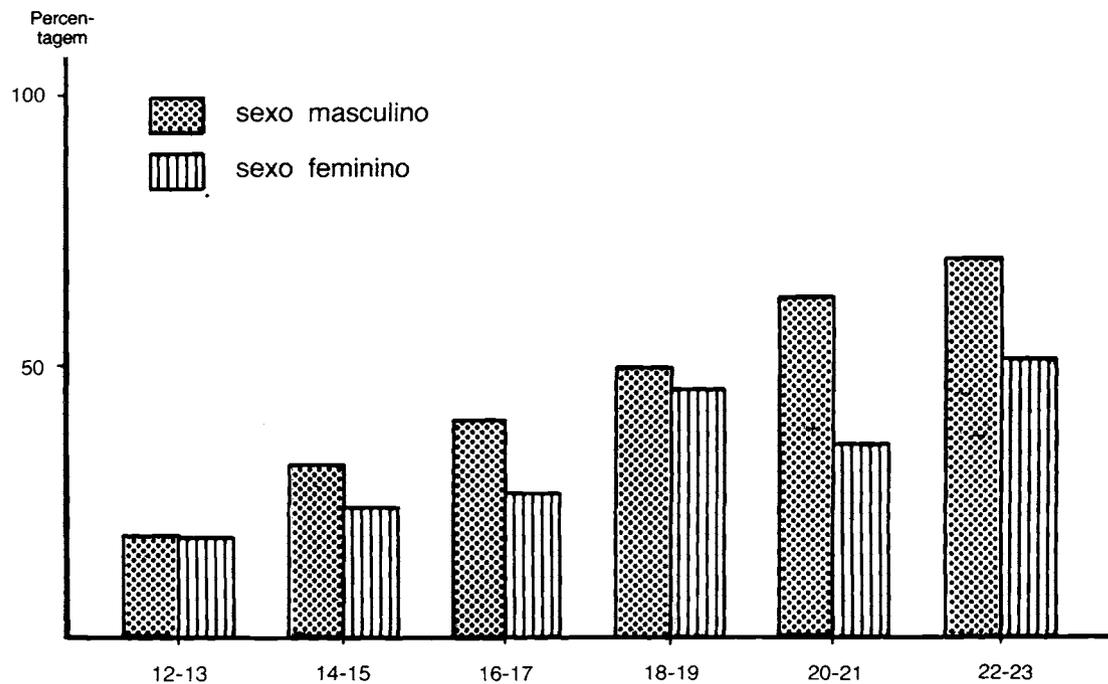
Percentagem de individuos em que se manifesta desobediência

(GRÁFICO II)



Percentagem de indivíduos em que se manifesta presença de ideais extrafamiliares

(GRÁFICO III)



Não temos, contudo, a ingenuidade de acreditar que, mecanicamente, os valores emergentes aos 20 anos em conflito com os valores dominantes assumidos pelos progenitores terão uma dinâmica autónoma e inalterável, realizando-se na quarentena, no apogeu da ascensão da nova geração. Admitimos que deverá existir um processo de envelhecimento biopsicologicamente determinado em relação ao ciclo vital. Mas sabemos que este é relativamente desconhecido na sua autonomia e articulação com a globalidade dos processos socioculturais. Mais uma razão para aliar uma investigação de carácter preditivo com uma investigação prospectiva que procura estudar a evolução dos valores na população agora analisada.

VALORES FINAIS E INSTRUMENTAIS

Utilizámos a escala de Rokeach³ por ter sido largamente utilizada e aplicada em Portugal noutras investigações⁴, o que permitirá comparações profícuas.

A escala de Rokeach sobre valores finais e instrumentais foi passada a uma amostra da população estudantil universitária do concelho de Matosinhos, num total de 152 indivíduos, sendo 64 do sexo masculino e 88 do sexo feminino.

Os valores indicados nos quadros n.ºs 1 a 8 são valores médios, estando referidos entre parênteses as respectivas prioridades. Sublinham-se os valores para os quais existem diferenças significativas entre os valores médios. Realizou-se também a ordenação através dos valores da mediana, tendo-se verificado que esta é quase sobreponível à ordenação pelos valores médios.

VALORES FINAIS

A escala de Rokeach foi integralmente utilizada, acrescentando-se o respeito pela natureza (valor ecológico). Os quadros n.ºs 1 e 2 dão-nos os resultados dos valores finais no conjunto dos pais e dos filhos.

Partindo da classificação de Rokeach, valores pessoais e valores sociais, os valores desta escala foram agrupados por Vala⁵ em «valores de *dimensão mais pessoal*», referindo fins próprios da pessoa («felicidade», «dignidade», «liberdade», «gozar a vida»), «valores de dimensão mais *relacional*», referindo objectivos desejáveis na relação com os outros («verdadeira amizade», «verdadeiro amor», «segurança familiar»), e valores «reflecindo uma dimensão *globalmente social*» (exemplos: «paz», «igualdade», «segurança nacional»...).

Os primeiros estariam, a nosso ver, mais ligados a manifestações de amor-próprio, os segundos ao amor objectal e os terceiros corresponderiam a manifestações de simbolização. Esta classificação é todavia pragmática,

³ M. Rokeach, *The nature of human values*, NY, Free Press, 1973.

⁴ Correia Jesuino, «Valores finais da juventude portuguesa em 1983», comunicações e conclusões da Conferência sobre Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal, in *Cadernos Juventude*, VIII, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, e referência 3.

⁵ Jorge Vala, «Representações sociais dos jovens: valores, identidade e imagens na sociedade portuguesa», in *Cadernos Juventude*, XI, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

sendo discutível em certos itens. Assim, será a liberdade um valor ligado ao amor-próprio ou um valor social que implica, bem compreendida, a liberdade dos e para os outros?

Valores finais

(QUADRO N.º 1)

Valores	Pais (n = 296)		Filhos (n = 162)	
	\bar{x}		\bar{x}	
Dignidade	16,59	(1)	15,43	(1)
Segurança familiar	13,55	(2)	11,67	(7)
Felicidade	13,52	(3)	14,14	(3)
Harmonia interior	13,11	(4)	14,26	(2)
Mundo de paz	12,93	(5)	10,81	(9)
Igualdade	11,84	(6)	9,92	(12)
Verdadeira amizade	11,16	(7)	11,79	(5)
Liberdade	10,92	(8)	12,43	(4)
Sabedoria	10,38	(9)	10,35	(11)
Sentido de realização	8,81	(10)	11,68	(6)
Respeito pela natureza	8,40	(11)	7,65	(14)
Vida confortável	8,35	(12)	8,14	(13)
Salvação	8,34	(13)	4,60	(19)
Amor adulto	8,11	(14)	11,64	(8)
Prazer	7,10	(15)	7,35	(15)
Reconhecimento social	6,81	(16)	6,53	(16)
Segurança nacional	6,43	(17)	4,96	(18)
Vida apaixonante	6,11	(18)	10,39	(10)
Mundo de beleza	5,54	(19)	5,30	(17)

Nos resultados expressos nos quadros referidos encontramos valores de amor-próprio, a «dignidade» em primeiro lugar (1) nos pais e filhos, mais importante nos pais, e a «felicidade» em terceiro lugar (3). A «segurança familiar», valor relacional de objecto, encontra-se em segundo lugar (2), significativamente destacado da importância deste valor nos filhos (7), ocupando nestes o segundo lugar (2) a «harmonia interior», valor pessoal, também significativamente afastado da importância deste valor nos pais (4). No mesmo sentido, de maior importância para os pais, encontramos depois os valores sociais: «um mundo de paz» (5), a «igualdade» (6), o «respeito pela natureza» (11), a «salvação» (13), a «segurança nacional» (17) e, de maior importância para os filhos, os valores pessoais: «liberdade» (4), «sentido de realização» (6), «vida apaixonada» (11) e «mundo de beleza» (17), e relacionais: «amor adulto» (8). A «sabedoria», oitavo (8) para os pais e décimo segundo (12) para os filhos, a «verdadeira amizade», quinto (5) para os filhos, sétimo (7) para os pais, assim como «amor adulto», oitavo (8) para os filhos e décimo quarto (14) para os pais, não revelam, todavia, diferenças significativas. Podemos, assim, avançar a noção de que, onde há diferenças entre a globalidade das respostas parentais e filiais, estas vão no sentido duma maior importância dos valores pessoais e relacionais para os filhos e dos valores sociais para os pais.

A ordenação dos valores finais em relação ao sexo não nos permite deduzir que o sexo masculino ou feminino veiculem predominantemente a tendência atrás referida.

Valores finais — alunos universitários/pais

(QUADRO N.º 2)

Concordantes em ambos		Superiores para os pais		Superiores para os filhos	
		P	F	F	P
Dignidade	(1)	Segurança familiar	(2) (7)	Harmonia interior	(2) (4)
Felicidade	(3)	Mundo de paz	(5) (9)	Liberdade	(4) (8)
Prazer	(15)	Igualdade	(6) (12)	Verdadeira amizade	(5) (7)
Reconhecimento social	(16)	Sabedoria	(9) (11)	Sentido de realização	(6) (10)
		Respeito pela natureza	(11) (14)	Amor adulto	(8) (14)
		Vida confortável	(12) (13)	Vida apaixonante	(10) (18)
		Salvação	(13) (19)	Mundo de beleza	(17) (19)
		Segurança nacional	(17) (18)		

A ordenação dos valores finais em relação ao sexo dos progenitores, pai e mãe, indicada nos quadros n.ºs 3 e 4, revelam uma ordenação, fazendo predominar no pai valores pessoais («felicidade», «harmonia interior», «liberdade»). Sendo a igualdade ordenada na mesma posição nos dois progenitores, é, todavia, mais importante como escolha para o pai. Estes dados fazem pensar que a diferença entre valores poderá opor, predominantemente, os filhos à mãe.

Ordenações dos valores finais — pais de alunos universitários

(QUADRO N.º 3)

Valores finais	Total (n = 296)	Pai (n = 144)	Mãe (n = 152)
	\bar{x}	\bar{x}	\bar{x}
1) Dignidade	16,59	15,48 (1)	15,93 (1)
2) Segurança familiar	13,55	13,17 (3)	13,91 (2)
3) Felicidade	13,52	13,30 (2)	13,73 (3)
4) Harmonia interior	13,11	13,08 (4)	13,14 (5)
5) Mundo de paz	12,93	12,58 (5)	13,26 (4)
6) Igualdade	11,84	12,44 (6)	11,27 (6)
7) Verdadeira amizade	11,16	11,07 (8)	11,24 (7)
8) Liberdade	10,92	11,69 (7)	10,18 (8)
9) Sabedoria	10,38	10,88 (9)	9,91 (9)
10) Sentido de realização	8,81	9,10 (10)	8,53 (11)
11) Respeito pela natureza	8,40	8,71 (11)	8,10 (14)
12) Vida confortável	8,35	8,34 (12)	8,36 (12)
13) Salvação	8,34	7,23 (15)	9,41 (10)
14) Amor adulto	8,11	8,05 (13)	8,16 (13)
15) Prazer	7,10	7,30 (14)	6,91 (15)
16) Reconhecimento social	6,81	6,99 (16)	6,62 (16)
17) Segurança nacional	6,43	6,56 (17)	6,30 (17)
18) Vida apaixonante	6,11	6,39 (18)	5,84 (18)
19) Mundo de beleza	5,54	5,76 (19)	5,34 (19)

A comparação entre progenitores e descendentes do mesmo sexo (pai-filho, mãe-filha) reflecte as diferenças já indicadas na comparação global entre familiares do mesmo sexo no que diz respeito à escala de valores em questão.

VALORES INSTRUMENTAIS

A escala de Rokeach de valores instrumentais foi integralmente utilizada, acrescentando-se um valor cooperante para estudar a importância de um valor instrumental relacional com significado geralmente considerado como contratual.

Os quadros n.ºs 5 e 6 dão-nos os resultados dos valores instrumentais no conjunto dos pais e no conjunto dos filhos. Sublinham-se os valores nos quais existem diferenças significativas entre os valores médios.

Estes revelam que a «honestidade» é um valor igualmente muito investido pelas duas gerações (1), mas mais significativo nos pais. A «responsabilidade» viria em segundo lugar (2) nos filhos e em terceiro (3) nos pais, ao contrário de «afetuoso», apesar de este, em valores absolutos, ter sido mais escolhido pelos filhos. Vemos depois, nos pais, aparecer «educado»

Valores finais — pais de alunos universitários

(QUADRO N.º 4)

Concordantes em ambos		Superior para o pai		Superior para a mãe	
Dignidade	(1)	Felicidade	(2) (3)	Segurança familiar	(2) (3)
Igualdade	(6)	Harmonia interior	(4) (5)	Mundo de paz	(4) (5)
Sabedoria	(9)	Liberdade	(7) (8)	Verdadeira amizade	(7) (8)
Vida confortável	(12)	Sentido de realização	(10) (11)	Salvação	(10) (15)
Amor adulto	(13)	Respeito pela natureza	(11) (14)		
Reconhecimento social	(16)	Prazer	(14) (15)		
Segurança nacional	(17)				
Vida apaixonante	(18)				
Mundo de beleza	(19)				

Valores instrumentais

(QUADRO N.º 5)

Valores instrumentais	Pais (n = 296)		Filhos (n = 162)	
	\bar{x}		\bar{x}	
Honesto	16,00	(1)	14,96	(1)
Afectuoso	11,81	(2)	12,53	(3)
Responsável	11,73	(3)	12,76	(2)
Educado	11,68	(4)	10,28	(8)
Capaz	11,00	(5)	11,37	(6)
Prestável	10,78	(6)	9,60	(11)
Alegre	10,40	(7)	11,88	(4)
Corajoso	9,82	(8)	10,32	(7)
Espírito aberto	9,63	(9)	11,74	(5)
Controlado	9,62	(10)	8,18	(17)
Tolerante	9,60	(11)	8,43	(16)
Obediente	9,36	(12)	4,87	(19)
Cooperante	9,11	(13)	8,65	(15)
Limpo	8,79	(14)	6,03	(18)
Intelectual	8,47	(15)	10,09	(9)
Lógico	8,04	(16)	8,76	(14)
Independente	7,90	(17)	10,07	(10)
Imaginativo	6,69	(18)	9,28	(12)
Ambicioso	6,58	(19)	9,19	(13)

em quarto (4) e em oitavo (8) nos filhos, aparecendo nestes em quarto (4) «alegre», que surge em oitavo (8) nos pais. A «capacidade» está ordenada em quinto (5) nos pais e em sexto (6) nos filhos, apesar de nestes também ser mais importante em valor absoluto.

Diferentemente se ordenam depois, com predominância nos pais, os valores «prestável», sexto (6) nos pais e décimo primeiro (11) nos filhos, «controlado», décimo (10) nos pais e décimo sétimo (17) nos filhos, «tolerante», décimo primeiro (11) nos pais e décimo sexto (16) nos filhos, «obediente», «cooperante», «limpo»... Nos filhos temos como escalonamento por ordem de prioridades de escolha: «espírito aberto» (5), «corajoso» (7), «intelectual» (9), «independente» (10), «imaginativo» (12), «ambicioso» (13), «lógico» (14).

Assim, podemos verificar que predominam nos pais valores implicando mais nitidamente a relação, dado que ser «prestável», «controlado», «tolerante», «obediente», «cooperante» e mesmo «limpo» implica sempre um interlocutor, uma situação relacional, quando mais não seja, já só interiorizada, predominando valores virados, segundo Rokeach, para a moralidade. Nos filhos predominam os valores cujo padrão de medida é o próprio indivíduo na relação com ele próprio, como «espírito aberto», «intelectual», «imaginativo», «ambicioso», «lógico», como se o valor «independente» assumisse explicitamente esse aspecto diferencial de preferência por valores de auto-realização segundo o autor da escala.

Os quadros n.ºs 7 e 8 revelam que esta diferença de valores é aparentemente veiculada de modo predominante pelos jovens do sexo masculino. Nos dois sexos, «honesto» vem em primeiro lugar (1), mais importante no feminino, em sintonia com «responsável», segundo (2) no feminino e quarto (4) no masculino, contudo significativamente mais respondido pelo sexo feminino. São privilegiados na sua ordenação diferencial, nos filhos do sexo masculino, «espírito aberto», «intelectual», «imaginativo», «independente»,

Valores instrumentais — alunos universitários/pais

(QUADRO N.º 6)

Concordantes em ambos		Superiores para os pais		Superiores para os filhos	
	(1)	P	F	F	P
Honesto	(1)	Afectuoso	(2) (3)	Responsável	(2) (3)
		Educado	(4) (8)	Alegre	(4) (7)
		Capaz	(5) (6)	Corajoso	(7) (8)
		Prestável	(6) (11)	Espírito aberto	(5) (9)
		Controlado	(10) (17)	Intelectual	(9) (15)
		Tolerante	(11) (16)	Independente	(10) (17)
		Obediente	(12) (19)	Imaginativo	(12) (18)
		Cooperante	(13) (15)	Ambicioso	(13) (19)
		Limpo	(14) (18)	Lógico	(14) (16)

Valores instrumentais — alunos universitários

(QUADRO N.º 7)

Valores instrumentais	Total (n = 162) \bar{x}	Sexo	
		Masculino (n = 74) \bar{x}	Feminino (n = 88) \bar{x}
1) Honesto	14.69	13.96 (1)	15.80 (1)
2) Responsável	12.76	11.78 (4)	13.58 (2)
3) Afectuoso	12.53	11.88 (2)	13.08 (3)
4) Alegre	11.88	11.74 (5)	12.00 (4)
5) Espírito aberto	11.74	11.80 (3)	11.69 (5)
6) Capaz	11.37	11.65 (6)	11.14 (6)
7) Corajoso	10.32	9.86 (10)	10.69 (8)
8) Educado	10.28	9.78 (11)	10.70 (7)
9) Intelectual	10.09	10.58 (7)	9.67 (11)
10) Independente	10.07	10.34 (9)	9.95 (10)
11) Prestável	9.60	9.27 (13)	9.88 (9)
12) Imaginativo	9.28	10.35 (8)	8.38 (16)
13) Ambicioso	9.19	9.47 (12)	8.94 (12)
14) Lógico	8.76	9.20 (14)	8.39 (15)
15) Cooperante	8.65	8.53 (15)	8.76 (13)
16) Tolerante	8.43	8.08 (17)	8.73 (14)
17) Controlado	8.18	8.41 (16)	7.99 (17)
18) Limpo	6.03	6.65 (18)	5.51 (18)
19) Obediente	4.87	4.84 (19)	4.90 (19)

e, no sexo feminino, «alegre», «educado», «corajoso», «prestável», «cooperante», «tolerante», apesar de só haver diferenças significativas no que diz respeito a «imaginativo».

A análise das respostas «pai» e «mãe» não parecem muito concludentes em relação à diferença de valores analisada, apesar de estas serem significativas predominantemente no pai em «lógico» e «ambicioso». As diferenças já analisadas na relação global pais-filhos manifestam-se também no mesmo sentido na relação pai-filho e mãe-filha.

CONCLUSÕES

Verificámos nos nossos trabalhos que existem entre pais e jovens diferenças de valores finais e instrumentais, segundo a escala elaborada para o efeito por Rokeach e que foi aplicada em Matosinhos numa amostra de estudantes universitários e pais. Quanto aos valores finais, podemos avançar com a ideia de que as diferenças na globalidade das respostas indicam uma maior importância dada aos valores íntimos, primeiro estritamente pessoais e depois relacionais, nos jovens (com «harmonia interior», «liberdade», «verdadeira amizade», «sentido de realização»), em detrimento dos valores sociais veiculados pelos progenitores (com «mundo de paz», «igualdade», «segurança nacional»). Esta diferença encontra-se também nos valores instrumentais, em que os jovens escalonam, prioritariamente, em relação aos pais, valores que repousam na relação do indivíduo com o próprio, valores intrínsecos, auto-afirmativos, de auto-realização, (como «alegre», «corajoso», «espírito aberto», «intelectual», «imaginativo», «ambicioso», «lógico»), em detrimento dos valores veiculados diferencialmente

Valores instrumentais — alunos universitários

(QUADRO N.º 8)

Concordantes em ambos os sexos		Superiores no sexo masculino		Superiores no sexo feminino			
Honesto	(1)	Afectuoso	M (2)	F (3)	Responsável	F (2)	M (4)
Capaz	(6)	Espírito aberto	(3)	(5)	Alegre	(4)	(5)
Ambicioso	(12)	Intelectual	(7)	(11)	Educado	(7)	(11)
Limpo	(18)	Imaginativo	(8)	(16)	Corajoso	(8)	(10)
Obediente	(19)	Independente	(9)	(10)	Prestável	(9)	(13)
		Lógico	(14)	(15)	Cooperante	(13)	(15)
		Controlado	(16)	(17)	Tolerante	(14)	(17)

pelos pais, implicando a relação, quando mais não seja interiorizada, valores morais (como «educado», «prestável», «controlado», «tolerante», «obediente», «limpo»).

A valorização destes dados tem de ser cautelosa, tanto mais que não conhecemos trabalhos desta mesma natureza intergeracionais, intrafamiliares, utilizando estas escalas, só os podendo comparar com estudos feitos em Portugal nos jovens e noutros países em diferentes grupos etários.

Torna-se necessário procurar discutir o significado destas diferenças como correspondendo a um processo maturativo inscrito no normal devir dos valores no ciclo vital e como correspondendo a mudanças de valores inscritas na razão de ordem simbólica social.

Os trabalhos de Correia Jesuíno vão no sentido de considerar, através de estudos feitos com a escala de valores finais numa população de jovens em 1980 e 1983⁶, que haveria uma evolução dos valores nos jovens no sentido de uma maior predominância dos valores pessoais sobre os sociais.

O mesmo autor refere trabalhos americanos com a mesma escala que ordenam os valores por diferentes grupos etários, que revelariam mesmo, no grupo da vintena e da quarentena, uma primeira e segunda opção de valores marcadamente relacionais e sociais («mundo de paz» e «segurança familiar») e uma preferência dos primeiros em relação aos segundos pelo valor «igualdade», o que é geralmente considerado como uma opção mais à esquerda. Haveria, assim, nas duas gerações uma grande importância dada aos valores sociais e os jovens, aparentemente, situar-se-iam mais à esquerda que os adultos.

Assim, podemos admitir que estaremos perante uma evolução para valores mais pessoais, de auto-realização, para um maior individualismo e para opções mais de direita na juventude portuguesa. E é bem provável que assim aconteça. A vivência do fascismo e da guerra colonial da geração dos 40, seguiu-se uma experiência de liberdade, uma experiência de democracia que, eventualmente, reforçando também os valores individualistas dos jovens, os pôs perante uma realidade bem diferente da dos seus progenitores. Assim, os jovens encaram o futuro com uma grande preocupação, dada a importância da crise económica nacional e mundial, sendo o desemprego a preocupação mais importante que os jovens revelam nos inquéritos que lhes têm sido feitos, ao mesmo tempo que as modificações de atitude política, abrindo o País às influências de toda a cultura mundial, e a maior penetração do nosso país de uma informação que lhe dá a conhecer as expectativas dos jovens de outros países vieram estimular as da nossa juventude. Uma forte tensão entre as expectativas e as possibilidades de realização das mesmas certamente que vai aumentar o individualismo, a necessidade de a mesma juventude se preparar para a competição, que se sabe será feroz.

Assim, a evolução dos valores finais e instrumentais revelaria um movimento perfeitamente adaptativo dos nossos jovens.

Justifica-se, todavia, realizar trabalhos como o que efectuámos numa amostra mais diferenciada da juventude portuguesa e seus progenitores, completando os dados das escalas de valores finais e instrumentais com outras escalas de valores mais discriminativas. Novas amostras semelhantes deveriam ser estudadas periodicamente, ao mesmo tempo que algumas delas seguidas, para assim se estudar o seu envelhecimento no ciclo vital. Poderíamos, assim, começar a ter ideias mais seguras sobre a importância do conflito de gerações, contribuindo para a emergência de valores e ampliar os nossos conhecimentos sobre a sua evolução temporal.

⁶ Correia Jesuíno, art. cit.